Cravo-da-índia no Território de Identidade Baixo Sul: produção, comercialização e desafios para os pequenos agricultores

Clove in the Lower South Identity Territory: production, marketing and challenges for small farmers

Célia Maria Pedrosa
Instituto Federal Baiano. Valença, Ba, Brasil
Lívia Rita Castro dos Santos
Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ba, Brasil
Viviane Peixoto Borges
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cruz das Almas, Ba, Brasil
Givaldo Ferreira Couto
Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. Valença, Ba, Brasil
João Marcos dos Santos Argolo
Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil

GT13. Estudos Interdisciplinares no rural

Resumo: Este estudo objetivou analisar importância da cultura do cravo-da-índia (*Syzygium aromaticum*) no Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia, especialmente no município de Valença-Ba, sob o aspecto da inserção na cadeia de valor e fatores relacionados à produção. Como metodologia, foram utilizados dados bibliográficos e secundários a partir de fontes como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Na pesquisa de campo, foram realizadas observações técnicas junto às propriedades rurais de cravo-da-índia e entrevistas semiestruturadas junto aos produtores. Por fim foram realizadas entrevistas na modalidade *survey*, que estão sendo apresentadas parcialmente, já que serão publicadas posteriormente. Observou-se que o Baixo Sul da Bahia é o maior produtor de cravo-da-índia da América do Sul sendo o município de Valença-Ba o maior produtor. Entretanto, a produção vem decaindo consideravelmente nos últimos anos devido a incidência de doenças fúngicas, provocando em alguns plantios perdas de até 90% das árvores. Verificou-se trabalho informal e precário, com riscos de acidentes na colheita manual do cravo, devido à altura das árvores, dessa forma, os produtores têm optado pela colheita química que, aliada à falta de tratos culturais adequados, pode estar relacionada com a mortandade dos craveiros. Há também problemas com o furto ou roubo do cravo e rara assistência técnica. Por fim, observou-se que a inserção dos produtores de cravo-da-índia na cadeia de valor, ocorre pela via inferior e subordinada a compradores (atravessadores) que detêm o poder de determinação do preço, condição que reduz substancialmente sua renda quanto a esta cultura. Uma alternativa de comercialização poderia ser pela via superior, através do associativismo que permite fortalecer os pequenos produtores e obter melhores condições de preços.
Palavras-chave: *Syzygium aromaticum*, especiarias, doenças fúngicas, cadeia de valor, morte súbita.

Abstract: This study aimed to analyze the importance of clove (*Syzygium aromaticum*) cultivation in the Lower South Bahia region, especially in the municipality of Valença-BA, focusing on its insertion in the value chain and factors related to production. The methodology utilized bibliographic and secondary data from sources such as IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) and SEI (Superintendence of Economic and Social Studies of Bahia). Field research involved technical observations at clove farms and semi-structured interviews with producers. Finally, survey interviews were conducted, the results of which are presented partially here, as they will be presented in a separate publication. It was observed that the Lower South of Bahia is the largest producer of cloves in South America, with the municipality of Valença-BA being the largest producer. However, production has declined considerably in recent years due to the incidence of fungal diseases, causing losses of up to 90% of the trees in some plantations. Informal and precarious labor was also identified, with risks of accidents during manual harvesting due to the height of the trees. As a result, producers have opted for chemical harvesting, which, combined with the lack of adequate crop management practices, may be associated with the mortality of clove trees. There are also problems with clove theft and rare technical assistance. Finally, it was observed that the insertion of clove producers into the value chain occurs through a lower and subordinate route to buyers (middlemen) who hold the power to determine the price, a condition that substantially reduces their income from this crop. An alternative marketing method could be through a higher route, via association, which allows for the strengthening of small producers and the obtaining of better price conditions.
Keywords: *Syzygium aromaticum*, spices, fungal diseases, value chain, sudden death.

1. Introdução

Este artigo resulta de parte dos estudos referentes ao projeto de extensão intitulado "Dinâmicas socioprodutivas da cultura do cravo-da-índia no município de Valença-Ba", desenvolvido no Instituto Federal Baiano, campus Valença. Pautando-se na necessidade crescente de estudar o cravo-da-índia, seus aspectos socioeconômicos e produtivos, o objetivo é apresentar resultados a partir de uma revisão de literatura e da pesquisa de campo. As fontes principais para embasar a escrita do texto incluem sites institucionais oficiais, teses, dissertações e artigos que tratam do assunto.

Partindo das ideias gerais das subseções, a primeira parte do trabalho, sob o título "A história do cravo-da-índia", apresenta brevemente dados historiográficos sobre a cultura do cravo-da-índia, também conhecido como cravinho. De acordo com *O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira na seção Glossário de História Luso-Brasileira* (2021), essa cultura é originária da Indonésia, especificamente das Ilhas Molucas. Em alguns períodos históricos, a exemplo da Idade Média, o cravo-da-índia entrou na rota dos comerciantes árabes e, no século XV, foi a especiaria mais utilizada no continente europeu e atualmente é uma das especiarias mais utilizadas no mundo.

O craveiro é uma árvore de grande porte, que pode atingir até 15 metros de altura e apresentar ciclo produtivo de mais de 100 anos. Seu principal produto econômico é o botão floral que é colhido antes de abrir e, após seco, é popularmente conhecido como cravo-da-índia. A planta é extremamente aromática, incluindo folhas, casca e botões florais. Além da culinária, o craveiro é utilizado na medicina tradicional por possuir efeito antisséptico e anestésico e na indústria de cosméticos, devido ao seu alto teor do composto fenólico eugenol (AFFONSO et al., 2012).

A segunda seção, denominada "Produção de cravo-da-índia no mundo", traz dados relevantes sobre a área cultivada, a produção total e os principais produtores mundiais: Indonésia, Madagascar, Tanzânia, Comores e Sri Lanka, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO, 2026). No Brasil, o estado da Bahia é o único a produzir essa especiaria, mais especificamente nos municípios inseridos na regionalização do Território de Identidade Baixo Sul.

A terceira parte do trabalho faz referência ao Território de Identidade Baixo Sul, um dos 27 Territórios de Identidade da Bahia, estado que possui 417 municípios. De acordo com a Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (Seplan), a regionalização em Territórios de

Identidade efetivou-se a partir do Plano Plurianual (PPA) de 2008-2011 e surgiu por meio dos movimentos associados à agricultura familiar e à reforma agrária. Esses territórios são constituídos com base nas características de cada região, respeitando suas especificidades. A Bahia estava passando por uma reformulação na política de desenvolvimento territorial, dessa forma, o PPA 2008-2011 apresentou esse enfoque, trazendo à tona as relações sociais, as vivências e o sentimento de pertencimento.

A quarta seção aborda aspectos da cultura do cravo-da-índia no município de Valença, Bahia, e sua importância econômica. Por ser amplamente utilizado na culinária, na indústria cosmética e na farmacêutica, o cultivo do cravo representa para os pequenos agricultores uma significativa fonte de renda anual, durante o período de sua colheita e comercialização.

Ao final do texto é abordado o problema fitossanitário que vem causando perdas expressivas na produção de cravo no Baixo Sul, a ocorrência de doenças causadas por fungos que estão levando à morte plantas jovens e adultas de craveiro. Visando identificar os agentes causadores dessas doenças, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) desenvolveu um projeto intitulado "Manejo Fitossanitário de Doenças do Cravo-da-Índia (*Syzygium aromaticum* (L.) Merr. & Perry) no Baixo Sul da Bahia. A proposta deste trabalho é desenvolver um manejo integrado para prevenir e/ou combater as doenças que acometem os craveiros, como forma de contribuir com os produtores e minimizar os impactos decorrentes dos problemas fitossanitários.

Neste contexto, esse artigo busca compreender os processos envolvidos na produção, circulação e distribuição do cravo-da-índia no Baixo Sul da Bahia, analisar as atividades dos produtores rurais do município de Valença e desenvolver práticas que conectem ensino, ciência e sociedade.

2. Metodologia

A pesquisa teve um caráter qualiquantitativo, utilizando-se de fontes bibliográficas, dados secundários do IBGE e da SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Na pesquisa de campo, foram realizadas observações técnicas junto às propriedades rurais produtoras de cravo-da-índia e entrevistas abertas semiestruturadas junto aos produtores. Por fim foram realizadas entrevistas na modalidade *survey*, que neste estudo estão sendo apresentados de forma parcial, já que serão apresentados posteriormente em outra publicação. Nesta coleta de dados foram entrevistados(as) 120 produtores(as) de cravo-da-índia, localizados no município de Valença, em uma amostragem estratificada por distritos rurais, envolvendo

aproximadamente 10% da totalidade dos produtores, tendo sido considerados 102 questionários válidos para fins de processamento dos dados.

3. A história do cravo-da-índia

O craveiro da índia é uma espécie arbórea, de médio porte, originária de Ternate e Tidore, ilhas que fazem parte das Molucas, província da Indonésia, país do sudeste asiático, considerado o maior arquipélago do mundo, com 17.508 ilhas.

Em uma perspectiva historiográfica, alguns registros apresentam informações sobre o uso do cravo-da-índia na China durante a dinastia Han e seu uso estava frequentemente associado à purificação do hálito de cortesãos (Silva, 2022). Segundo o *Glossário de História Luso-Brasileira* (2021), no século XVI, os portugueses chegaram às Ilhas Molucas estabelecendo monopólios e passaram a abastecer o reino português e comercializar o montante de cravo que sobrava. Os holandeses também desempenharam papel importante na expansão comercial do cravo. Posteriormente, o cravo foi plantado nos continentes africano e americano.

No período das Grandes Navegações, século XVI, os portugueses para obterem acesso à produção do cravo-da-índia e de outros produtos: canela, noz-moscada e açafrão, edificaram a partir de 1522, a fortaleza São João Batista de Ternarte, feitoria que serviu de apoio logístico e entreposto para o comércio das especiarias.

De acordo com Dean *[s.d]*, o cravo-da-índia foi introduzido na Bahia no século XVII, pois o príncipe regente de Portugal solicitou ao governador de Goa, em 1677, o envio de sementes de cravo-da-índia à colônia brasileira, quando os portugueses já haviam perdido a hegemonia do comércio das especiarias, para holandeses e espanhóis.

Contudo, em outro estudo, Duke *et al*. (2003) indicam que por volta de 1800 os britânicos fomentaram o plantio de craveiros em localidades como o Brasil, Madagascar, Tanzânia, dentre outros. Por sua vez, de acordo com o Glossário de História Luso-Brasileira (2021) as primeiras mudas de cravo chegaram ao Brasil no século XVIII, especificamente na Amazônia e dados como mapas e balanços comerciais demonstram essa produção na região.

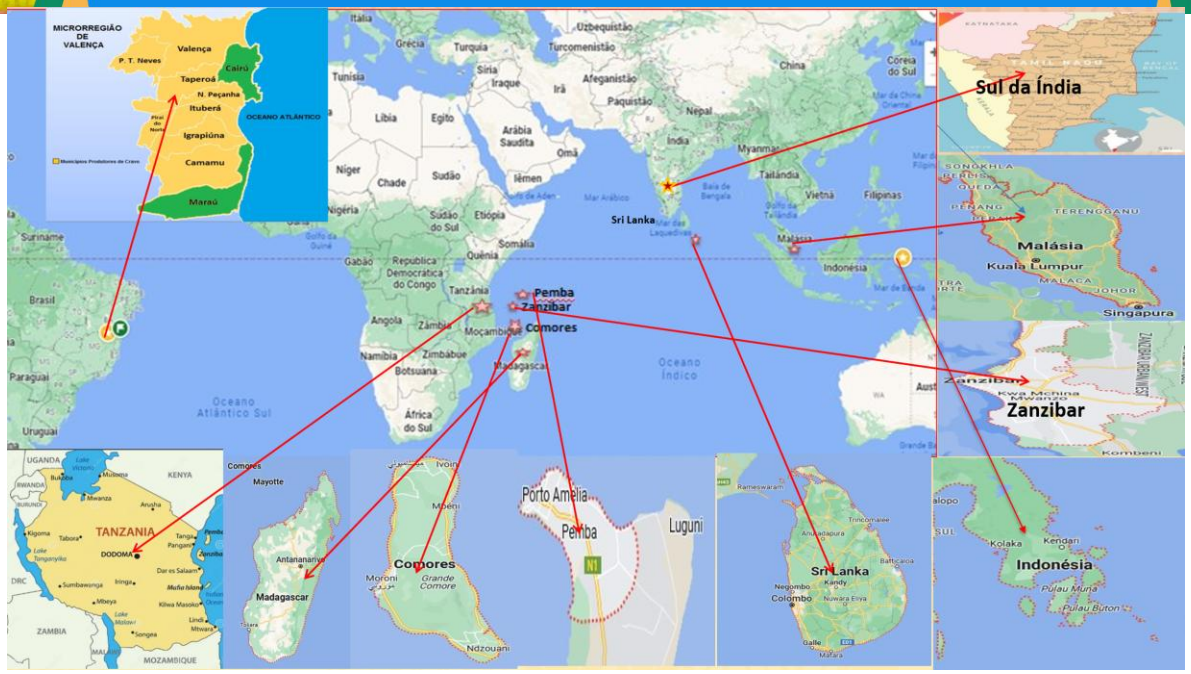
De acordo com Silva (2022), o craveiro vem sendo cultivado no Baixo Sul da Bahia desde os anos 1970 e, atualmente, essa é a única região do Brasil que produz cravo comercialmente. As características geográficas da região são propícias para o desenvolvimento da cultura, destacando-se o clima tropical litorâneo quente e úmido, os índices pluviométricos elevados e as médias térmicas em torno de 25°C a 28°C.

Alguns eventos vêm possibilitando a disseminação de conhecimento sobre essa cultura tão importante para o estado da Bahia. Em 2023, o Instituto Federal Baiano, campus Valença promoveu durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia o I Fórum da Cadeia Produtiva do Cravo: Diagnósticos e Potencialidades, tendo como intuito apresentar informações, dados e potenciais, agregando a comunidade interna e externa, além de produtores rurais do Baixo Sul, a fim de promover também o elo ensino, pesquisa e extensão.

4. Produção de cravo-da-índia no mundo

De acordo com a FAO, a produção mundial de cravo no ano de 2024 foi de aproximadamente 199 mil toneladas, cultivadas em 704 mil hectares. Os maiores produtores são: Indonésia, com produção de 147.953 toneladas o que representa 74% da produção mundial, seguida de Madagascar (25.114 t), Tanzânia (8.575 t.), Comores (7.767 t) e Sri Lanka (5.813 t) (FAO, 2026). O cravo-da-índia também é cultivado nos países asiáticos Malásia, Índia, Sri Lanka e China; na costa leste da África em Comores, Madagascar, Tanzânia, Pemba e Zanzibar, como pode ser visualizado na Figura 1.

Figura 1: Mapa da produção de cravo-da-índia no mundo.



Fonte: *FAOSTAT [s.d]*, Mapa-múndi, continentes, países e oceanos com ilustrações inseridas pelos autores.

Assim como o Brasil é o único país da América do Sul a produzir cravo-da-índia, Granada, com extensão territorial de 344 Km², pequeno país insular, também é o único a produzir esta especiaria na América Central. Na Índia a produção de cravo ocorre principalmente nos estados Tamil Nadu e Kerela, onde as condições climáticas são ideais para o cultivo, contudo, a produção não atende a demanda de consumo do país. No ano de 2021, a Índia importou da Indonésia 5.738 toneladas de cravo (FAO, 2023).

5. A cultura do cravo-da-índia no Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia

A cultura do cravo-da-índia no Brasil encontra-se concentrada na Bahia, especificamente em 23 municípios, distribuídos por três Territórios de Identidade: Baixo Sul, Vale do Jiquiriçá e Litoral Sul. Como pode ser observado pelo Quadro 1, o Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia é o principal produtor em escala comercial de cravo-da-índia no Brasil, o que evidencia a importância dessa cultura para o desenvolvimento socioeconômico desses municípios, assim como para o fortalecimento da agricultura regional. Estima-se que aproximadamente 60 mil pessoas lidam direta ou indiretamente com a cultura (SILVA, 2022). Esse cenário ressalta a importância do cultivo do cravo para a economia baiana e brasileira.

Quadro 1: Municípios produtores de cravo-da-índia na Bahia – 2017.

Territórios	Municípios	Prod. (t)	Área (ha)	Estabelecimentos rurais
Baixo Sul	Camamu, Gandu, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Pres. Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Wenceslau Guimarães, Valença.	1.419.000	6.338	3.317
Vale do Jiquiriçá	Laje, Mutuípe, Jiquiriçá	31.000	100	121
Litoral Sul	Maraú, Itacaré, Nova Ibiá, Ubatã, Una e Ilhéus.	26.000	106	110
Total		1.476.000	6.544	3.548

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - Resultados definitivos. Dados compilados pelos autores.

O Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia está localizado na região leste do estado, ao sul da capital Salvador, foi organizado enquanto Território de Identidade, no âmbito do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA a partir de 2003, no contexto de uma estratégia de territorialização em todo Brasil que visava estabelecimento de políticas sustentabilidade ambiental e econômica, envolvendo arranjos produtivos locais, tendo critérios a proximidade geográfica, sentimento de pertença ao local e sinergias intermunicipais (BRASIL/MDA, 2010, n.p.).

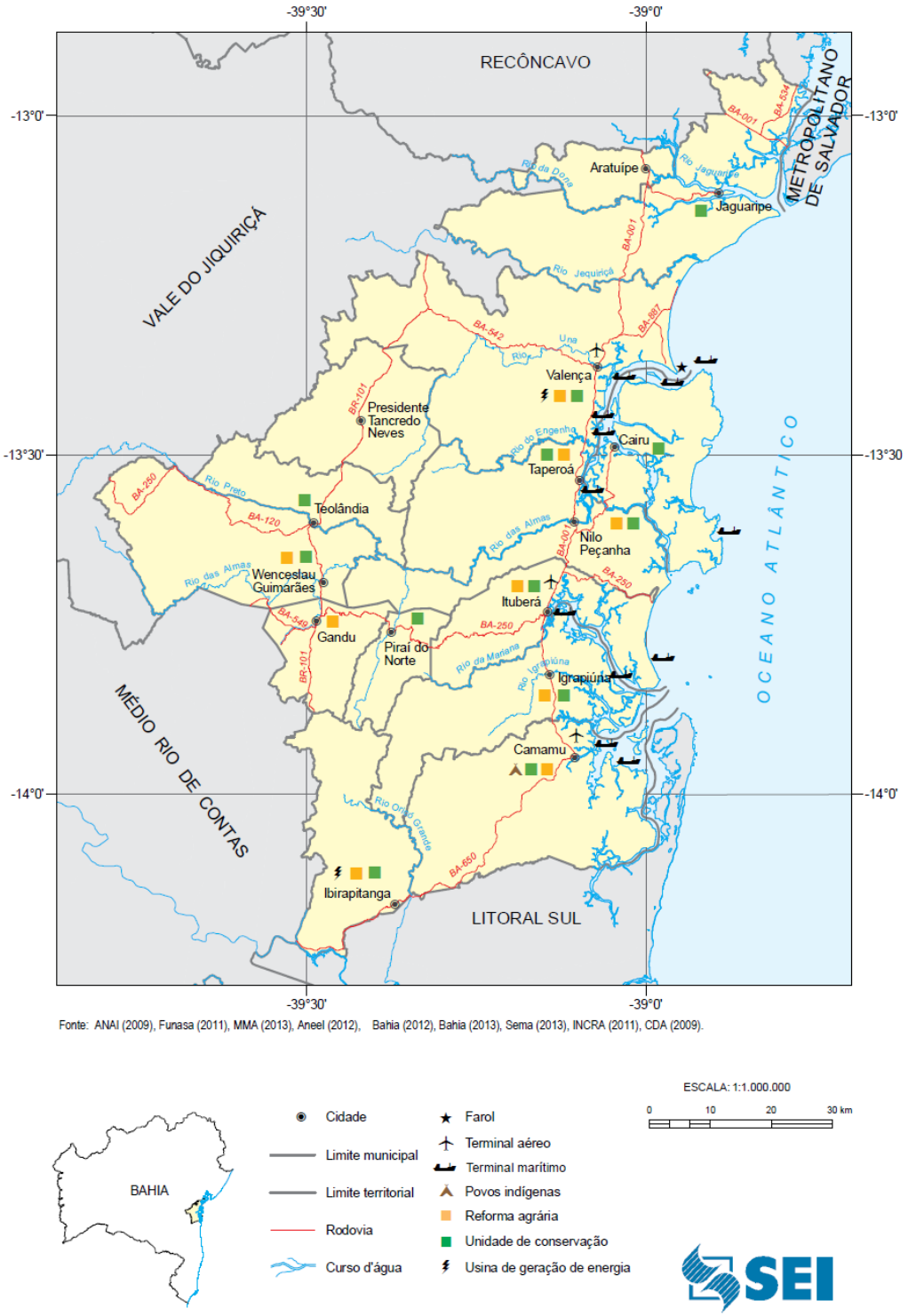
Dos 27 Territórios de Identidade organizados na Bahia, o Baixo Sul surge inicialmente vinculado ao Litoral Sul, mas, seus atores políticos locais reivindicaram sua institucionalização como território próprio, devido às características socioeconômicas, históricas e ambientais que o diferenciava. Após a extinção do MDA em maio de 2016, pelo então presidente interino Michel Temer, a estratégia de territorialização também foi abandonada juntamente com seus territórios instituídos. Todavia, os 27 Territórios de Identidade organizados na Bahia foram mantidos através da Lei Estadual 13.214 de 29/12/2014[1], com suas organizações de forma

[1] A Lei Estadual 13.214 de 29/12/2014, que em seu art. 1º, § 1º considera como Território de Identidade: [...] a unidade de planejamento de políticas públicas do Estado da Bahia, constituído por agrupamentos identitários municipais, geralmente contíguos, formado de acordo com critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos, reconhecido pela sua população como o espaço historicamente construído ao qual pertencem, com identidade que amplia as possibilidades de coesão social e territorial, conforme disposto no Plano Plurianual do Estado da Bahia (BAHIA, 2014).

colegiada, com representantes do Estado e sociedade, propondo e fiscalizando políticas públicas.

O Baixo Sul possui uma área de 7.582 Km² correspondendo a 1,44% do território da Bahia (SEI, 2024). Sua população é de 361.362 habitantes, equivalente a 2,6% da população do estado da Bahia (Censo de 2022) e a densidade demográfica do Território é de 47,66 hab/Km² (IG (IBGE, 2023, SEI, 2024). É composto por 15 municípios, todos de pequeno porte, sendo eles: Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Igrapiúna, Ibirapitanga, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença e Wenceslau Guimarães, sendo que oito destes municípios são litorâneos, conforme indica a Figura 2. Trata-se de um Território de formação antiga, com um número expressivo de comunidades tradicionais, tais como as pesqueiras, quilombolas e também a Nação Indígena Pataxó Hã-hã-hãe, no município de Camamu (ZEE, 2011).

Figura 2 – Mapa do Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia.



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). 05/03/2026

O Brasil possui taxa de urbanização de 87%, conforme o Censo do IBGE de 2022, enquanto a do Território do Baixo Sul da Bahia é de 53%, ou seja, quase metade de sua população vive na zona rural, o que sugere um olhar especial sobre a importância socioeconômica e ambiental da zona rural deste Território. Destaca-se aqui a importância do cultivo de cravo-da-índia, especialmente o distrito rural do Orobó, pertencente ao município de Valença, que possui a maior produção.

A cultura do cravo-da-índia passou a ser contabilizada somente no Censo Agropecuário de 2017, o que resulta na escassez de dados oficiais sobre sua produção e comercialização no Baixo Sul, embora seja o único território do Brasil a realizar o cultivo comercial. A Tabela 1, construída a partir de dados do Censo Agropecuário do IBGE, indica um total de 6.295 ha de área cultivada, 3.289 estabelecimentos rurais e uma produção de 1.401 toneladas (IBGE, 2017).

Tabela 1 - Municípios produtores de cravo-da-índia, no Baixo Sul da Bahia– 2017.

Munícipios	Área (ha)	Estabelecimentos rurais	Produção (t)
Valença	2.366	1.132	586
Taperoá	1.027	450	198
Camamu	738	328	136
Igrapiúna	514	241	93
Ituberá	508	267	152
Presidente Tancredo Neves	554	415	116
Nilo Peçanha	212	121	34
Piraí do Norte	176	140	33
Teolândia	118	93	30
Jaguaripe	32	15	4
Wenceslau Guimarães	28	56	15
Ibirapitanga	22	31	4

Gandu	10	19	6
Total	6.295	3.289	1.401

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 – Tabela adaptada.

Embora não seja tema deste estudo, destaca-se os produtos relevantes na sociobiodiversidade do Território como o dendê, fruticultura, guaraná, mandioca, borracha e piaçava. Parte significativa das áreas ocupadas na produção de cacau também preserva cobertura arbórea da Mata Atlântica. Sob o aspecto quantitativo da produção, destaca-se o cacau, a banana e a borracha, conforme indica o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Principais produtos agrícolas do Baixo Sul da Bahia (em valor de produção em 2022).

Produto	Comercialização (R$)	Quantidade comercializada	% da produção da Bahia
Cacau	450,5 milhões	32,3 mil toneladas	32,1%
Banana	332,1 milhões	178,0 mil cachos	21,4%
Borracha (seringa)	41,5 milhões	11,8 mil toneladas	50,6%

Fonte: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2024

Na indústria, os principais seguimentos por número de postos de trabalho formais são: alimentos e bebidas, indústria têxtil e a construção civil. Já no comércio e serviços, destaca-se a administração pública, comércio varejista e alojamento e comunicação (SEI, 2024). Diversas atividades do setor industrial como alimentos e bebidas estão relacionadas ao setor agrícola regional, como as poupas de frutas congeladas, o azeite de dendê, a farinha de mandioca e outros derivados, *chips* de banana e chocolates.

Da mesma forma, o comércio varejista e os serviços também possuem diversas atividades vinculadas ao setor agrícola, considerando que a relativa expressividade da população rural e suas atividades agropecuárias também propiciam a presença do comércio de produtos na mesma área, transporte, assistência técnica, dentre outras.

Assim, considera-se que as características socioeconômicas dos municípios do Baixo Sul da Bahia são predominantemente rurais, com significativa presença da agricultura familiar, o que sinaliza para importância de apoio para os povos campesinos do Território, a exemplo do

Programa Bahia Produtiva, promovido pelo governo do Estado. Destaca-se a necessidade para políticas públicas de apoio para a cultura do cravo-da-índia, cuja produção nacional se localiza majoritariamente no Baixo Sul da Bahia, de forma especial no município de Valença.

6. As dinâmicas de comercialização do cravo-da-índia em Valença-Ba e sua importância econômica

A árvore do cravo, que atinge em média 15 metros de altura, permeia a paisagem da zona rural do município de Valença, juntamente com os dendezeiros e as piaçavas. Valença, conforme já apontado, é o maior produtor de cravo-da-índia, com produção concentrada principalmente no distrito do Orobó e em menor escala nos distritos de Jiquiriçá, Cajaíba, Bonfim, entre outros.

Figura 3 – Craveiro, com aproximadamente 12 metros de altura.

Fonte: Acervo do Projeto – 12/12/2025

O cravo-da-índia desponta-se no cenário da produção agrícola de Valença-Ba como uma cultura de relevante importância social e econômica, por contribuir, significativamente, como complemento de renda e por movimentar a economia local no período de sua colheita. Parte significativa dos produtores rurais de cravo-da-índia se insere na agricultura familiar, conforme a classificação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Outros reúnem as condições que os caracterizam como pequenos médios produtores rurais.

Uma das características de Valença, onde existem 1.132 estabelecimentos rurais, é a diversificação de culturas permanentes: cacau, guaraná, urucum, banana da terra e outras, que que se constituem ao longo do ano agrícola como fonte geradora de renda para os produtores rurais e trabalhadores rurais, sendo que estes últimos atuam principalmente na fase de colheita (IBGE, 2017).

Contudo, nos últimos anos a cultura do cravo-da-índia no Baixo Sul baiano vem sendo assolada por doenças provocadas por fungos, o que tem causado a morte de muitas árvores, levando a impactos significativos na produção, conforme será analisado no item 5 deste artigo. Pesquisadores do IF Baiano/*campus* Valença, da UFRB e da Embrapa têm concentrado esforços para detectar as causas e formas de controle destas doenças. Observou-se que nas atividades da cultura do cravo, há o trabalho informal com riscos de acidentes na colheita manual devido à altura da árvore que pode chegar a 15 metros. Como alternativa, a quase totalidade dos produtores opta pela colheita química utilizando um regulador de crescimento agrícola à base de etefon, empregado para induzir florescimento, acelerar a maturação de frutos e antecipar colheitas em outras culturas.

Como não há estudos para definir dosagem adequada e indicação de uso do produto comercial para a cultura do cravo, aliado ao fato dos produtores utilizarem de forma indiscriminada, não terem acesso a assistência técnica e não realizarem adubação para nutrir os craveiros adequadamente, acredita-se que a prática da colheita química pode estar relacionada com a mortandade por resultar no enfraquecimento da árvore, tornando-a mais vulnerável aos fungos oportunistas. Em alguns plantios foram observadas perdas de até 90% das árvores. Há também problemas com o furto ou roubo do cravo após a colheita.

Sob o aspecto das vendas, grande parte da produção do cravo-da-índia produzido no Baixo Sul da Bahia é comercializada informalmente nas feiras de agricultura da região, para atravessadores, que fazem a intermediação desta produção tanto para o mercado nacional quanto internacional. Os atravessadores atuam comprando do produtor e repassando aos grandes comerciantes. As dificuldades de transporte, os riscos de perder a produção, a falta de escala na produção que possibilitaria a comercialização nacional e internacional, fazem com que o pequeno produtor fique dependente dos atravessadores, que se constituem poucos compradores e têm o poder de determinar o preço do produto, em uma condição oligopsônica.

Mayorga e Oliveira (2005) em um estudo sobre os impactos da participação do atravessador na economia do setor agrícola em Mauriti, Ceará, especificamente na cadeia produtiva da banana, analisa a atuação destes agentes, quando os produtores estão desorganizados coletivamente, comercializando seu produto de forma individual, acabam

vendendo ao atravessador, que possui maior poder de negociação e pagam preços baixos. Nada produzem e ficam com maior parte do lucro, reduzindo a receita líquida do produtor e sua renda.

Na pesquisa de campo realizada neste projeto, recortou-se dados referentes à comercialização do cravo-da-índia, em que se observou que a quase totalidade dos entrevistados vende sua produção para o atravessador. Verificou-se que 63% dos entrevistados afirmaram que o preço da venda é determinado pelo comprador/atravessador; 17% afirmaram que existem pequenas possibilidades de negociação e que no período de 2024/2025, o preço médio pago por quilo do cravo foi R$25,00. Dos respondentes, 79,4% afirmaram que já se sentiram prejudicados pelo valor pago na hora da comercialização e 53% consideram ruim o valor recebido. Contudo, 73,5% dos respondentes consideraram esta atividade produtiva lucrativa, mas apenas 33,4% dos respondentes fazem o cálculo dos custos da produção, colheita e comercialização do cravo. Esta situação dificulta o cálculo do lucro obtido e o gerenciamento do próprio negócio. Ainda sobre a comercialização, 72,5% dos entrevistados afirmaram que não adotam estratégias coletivas de comercialização.

Dentre as dificuldades enfrentadas para a comercialização do cravo, as principais respostas foram a desvalorização do produto (50,5%); as dificuldades de transporte envolvendo as condições das estradas, chuvas e a ausência de transporte propriamente adequado (9%); e a falta de segurança relacionada ao furto do cravo colhido (6%). Respostas com menor incidência se referiram à ausência de uma cooperativa ou associação que organize a venda coletiva, ameaças de atravessadores e a qualidade do produto.

Neste estudo foram feitas comparações entre os preços do cravo-da-índia comercializados pelos produtores e as empresas atacadistas e varejistas do Baixo Sul da Bahia e de empresas *e-commerce*. Tendo como base o valor médio do preço vendido pelo produtor de cravo em 2025 (R$ 25,00) e os preços comercializados pelas empresas atacadistas localizadas no Baixo Sul da Bahia, observou-se um valor médio de 75% acima do valor comercializado pelo produtor de cravo. Já uma empresa atacadista *e-commerce* vende o cravo-da-índia por um valor 396% do preço vendido pelo produtor. O Quadro 3, apresenta os preços de comercialização do cravo-da-índia por três empresas atacadistas localizadas no Território do Baixo Sul da Bahia (municípios de Gandu e Taperoá) e de duas empresas atacadistas, sendo uma localizada no estado de São Paulo e outra multicêntrica.

Quadro 3 – Valor de venda do cravo-da-índia em empresas atacadistas.

Empresa	Localização/Município	Valor pago por kg em R$

Empresa 1	Gandu	49,00
Empresa 2	Gandu	42,00
Empresa 3	Taperoá	40,00
Empresa 4	São Paulo (vendas pela internet)	50,23
Plataforma de vendas *e-commerce*	Multicêntrico	99,00

Fonte: Consulta em diversos *sites* de *e-commerce*. Acesso em 02/05/2025.

O Quadro 4 apresenta os preços do cravo-da-índia comercializados através de *e-commerce* por empresas varejistas, onde se observa o preço médio equivalente a 541% do valor comercializado pelo produtor local nas feiras locais do Baixo Sul da Bahia.

Quadro 4 – Preços do cravo-da-índia comercializados empresas varejistas com vendas pela internet.

Empresa	Valor pago por kg em R$
E-commerce (empresa 1)	133,99
E-commerce (empresa 2)	139,90
E-commerce (empresa 2)	132,00

Fonte: Consulta em diversos *sites* de *e-commerce*. Acesso em 02/05/2025.

Esta situação indica que o produtor de cravo-da-índia no Baixo Sul da Bahia se insere nas redes de comercialização pela via inferior, com pouco ou nenhum poder de comercialização do produto, situação que reduz em grande medida, o lucro obtido e, consequentemente, de sua renda. Uma opção seria a organização dos produtores em uma cooperativa, eliminando as vendas aos atravessadores e buscando a inserção nas redes comerciais pela via superior.

7. Doenças fúngicas associadas à mortalidade de craveiros-da-índia no Baixo Sul da Bahia

A produção comercial de cravo-da-índia no Baixo Sul da Bahia é possível devido ao solo e o clima da região serem compatíveis às exigências da cultura, o que proporcionou uma boa adaptação do craveiro ao território. Contudo, a produção vem reduzindo drasticamente nos últimos 10 anos, devido à ocorrência de uma doença fúngica que causa a mortalidade de craveiros em plena produção, atingindo até 90% de perdas em alguns plantios. Essa situação resulta em grandes prejuízos econômicos e ameaça a produção de cravo e o emprego de

aproximadamente 60 mil trabalhadores que lidam direta ou indiretamente com a cultura (SILVA, 2022).

Uma pesquisa desenvolvida pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, analisou plantas doentes e/ou mortas de craveiros em cinco municípios do Baixo Sul (Valença, Taperoá, Ituberá, Camamu e Presidente Tancredo Neves). Após coleta de amostras e análise morfológica e molecular do material, foi identificada a presença do fungo *Cytospora eugeniae*, causador da doença Morte Súbita, sendo este o primeiro relato da incidência dessa doença no Brasil (SILVA, 2020). Também foi identificado associado a plantas doentes e/ou mortas, o fungo *Chrysoporthe cubensis*, causador da doença conhecida como "Dieback" ou "Dieback Agudo" (SILVA, 2022).

Os sintomas da Morte Súbita (*Cytospora eugeniae*) são: Queda repentina de folhas verdes e murcha das folhas restantes, que passam a apresentar coloração marrom-avermelhada enquanto ainda estão na árvore; simultaneamente ocorre degeneração das raízes mais finas do sistema radicular. No tronco, abaixo da casca, observa-se uma coloração amarela intensa, sendo este um sintoma característico da doença. Os sintomas do dossel (queda rápida ou tardia das folhas) variam dependendo da umidade do ar durante o início da doença. Geralmente, apenas alguns dias após o início da queda das folhas já ocorre a morte final da árvore, devido à falta de água causada pela desorganização das raízes (NUTMAN e ROBERTS,1954; SILVA 2020).

O fungo *Chrysoporthe cubensis* é um patógeno conhecido por provocar doenças em espécies da família Myrtaceae, a mesma do craveiro, a exemplo do cancro (AWING et al., 2023) e da murcha em minicepas (MARTINS et al., 2023), ambas em *Eucalyptus* spp. A infecção por *C. cubensis* em árvores de craveiro é caracterizada pela morte de galhos em plantas de todas as idades e denominada "Dieback". Eventualmente, o ataque desse patógeno pode ocorrer no tronco principal, causando a morte da árvore de forma semelhante à causada pela Morte Súbita, o que pode resultar em diagnósticos errados. A morte da planta ou de galhos, causada por *C. cubensis*, está principalmente associada a algum tipo de lesão nos troncos ou raízes da árvore, causada por implementos em operações de colheita ou limpeza da área (SILVA, 2022).

O controle da Morte Súbita e do "Dieback" no craveiro é dificultado porque os esporos continuam sendo produzidos e disseminados por pelo menos nove meses após a morte das plantas (NUTMAN e ROBERTS, 1971). Adicionalmente, até o momento não há indicação de métodos químicos e/ou biológicos capazes de controlar os danos causados pelos patógenos. Dessa forma, medidas para evitar a disseminação da doença incluem a remoção de fontes de inóculo, a retirada das árvores mortas das áreas de cultivo, aplicação de calda fungicida

protetora sobre o toco das árvores, quando não for removido, e pousio antes do replantio. É recomendado também que todos os galhos infectados sejam removidos, tomando-se o cuidado de cortar no ponto da madeira saudável e de aplicar calda fungicida protetora, a exemplo da calda bordalesa (NUTMAN e ROBERTS, 1952, 1954; SILVA, 2022).

Dada a importância da produção de cravo-da-índia para a região do Baixo Sul da Bahia, ações vêm sendo desenvolvidas por instituições de ensino e pesquisa, como o IF Baiano – Campus Valença, UESC, CEPLAC e EMBRAPA, em parceria com associação de produtores, com objetivo de avaliar a epidemiologia das doenças causadoras da mortalidade dos craveiros, encontrar estratégias eficientes de controle e difundir os resultados alcançados.

8. Considerações finais

Diante do exposto, evidencia-se que a cultura do cravo-da-índia possui grande relevância histórica, econômica e social, especialmente no Território de Identidade do Baixo Sul da Bahia, com destaque para o município de Valença. A pesquisa permitiu compreender que, embora o Brasil tenha produção concentrada exclusivamente nessa região, o cultivo do craveiro desempenha papel significativo na geração de renda, sobretudo para agricultores familiares, além de contribuir para a dinâmica econômica local.

Entretanto, os resultados também revelam importantes fragilidades ao longo da cadeia produtiva. Destaca-se a mortalidade dos craveiros, associadas com as doenças Morte Súbita e “dieback”, responsáveis por perdas expressivas na produção, bem como a ausência de manejo adequado e assistência técnica. Soma-se a isso a dependência dos produtores em relação aos atravessadores, o que reduz seu poder de negociação e compromete a rentabilidade da atividade.

Além disso, verificou-se a necessidade de maior organização coletiva dos produtores, seja por meio de associações ou cooperativas, como estratégia para fortalecer a comercialização, ampliar o acesso a mercados e melhorar as condições de negociação. Também se faz fundamental o investimento em políticas públicas voltadas à assistência técnica, infraestrutura e pesquisa, visando tanto o controle das doenças quanto o aprimoramento das práticas produtivas.

Por fim, reforça-se a importância da integração entre ensino, pesquisa e extensão, como proposto no projeto que originou este estudo, no sentido de promover soluções sustentáveis e adequadas à realidade local. Dessa forma, será possível não apenas mitigar os desafios enfrentados pela cultura do cravo-da-índia, mas também potencializar seu papel no desenvolvimento socioeconômico do Baixo Sul da Bahia.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. Cravo-da-índia. In: *Glossário de História Luso-Brasileira*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2021. Disponível em: http://historialuso.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6111:cravo-da-india&catid=2071&Itemid=215. Acesso em: 22.mai.2024.

AFFONSO, R.S.; RENNÓ, M.N.; SLANA, G.B.C.A.; FRANÇA, T.C.C. Aspectos Químicos e Biológicos do Óleo Essencial de Cravo da Índia. *Revista Virtual Química*. Vol. 4, 146-161p. 2012.

AWING, Norida Hanim; AMBROSE, Annya; ABDU, Arifin; HASSAN, Affendy;TERHEM, Razak. Characterisation of Chrysoporthe cubensis and Chrysoporthe deuterocubensis, the Stem Canker Diseases of Eucalyptus spp. in a Forest Plantation in Malaysia. *Forests*,14, 1660, 2023.

BAHIA. *Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável. 2010***.** Disponível em **:**http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio021.pdf. Acesso em: 21 abr. 2024.

BAHIA. *Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável e Solidário do Território Baixo Sul da Bahia - PTDSS. 2018***.** Disponível em**:** http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/politica-territorial/publicacoes_territoriais/Planos-Territoriais-de-Desenvolvimento-Sustentavel-PTDS/2018/PTDSS_BAIXO_SUL_.pdf. Acesso em: 21 abr. 2024.

BAHIA. *Plano de Desenvolvimento Territorial Sustentável. 2010***.** Disponível em **:**http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio021.pdf. Acesso em: 21 abr. 2024.

BAHIA. *Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável e Solidário do Território Baixo Sul da Bahia - PTDSS. 2018***.** Disponível em**:** http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/politica-territorial/publicacoes_territoriais/Planos-Territoriais-de-Desenvolvimento-Sustentavel-PTDS/2018/PTDSS_BAIXO_SUL_.pdf. Acesso em: 21 abr. 2024.

DEAN, Warren. *A botânica e a política imperial:* introdução e domesticação de plantas no Brasil. Rio de Janeiro [s.n.t]. Disponível em: http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/deanbotanicaimperial.pdf. Acesso em: 27 jan.2024.

FAO - Food And Agriculture Organization of the United Nations. *Crops and livestock products*. [s.n.t]. Disponível em https://www.fao.org/faostat/en/#data/QCL/visualize. Acesso em: 07 abr.2026.

IBGE. *Censo Agropecuário 2017 - Resultados definitivos*. *[s.d]* Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/valenca/pesquisa/24/76693. Acesso em: 21 mai.2024

IBGE. *Cidades*. *[s.d]*.Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?uf=ba. Acesso em: 15 nov.2024.

BRAGANÇA, Carlos Augusto Dorea. *Manejo Fitossanitário de doenças do cravo-da-índia (Syzygium aromaticum* (L) Merr. & Perry) no Baixo Sul da Bahia. Cruz das Almas: UFRB, 2022-2024. Projeto de Pesquisa. Disponível em: https://ufrb.edu.br/ccaab/images/661_carlos.pdf. Acesso em: 28.nov.2024.

MARTINS, M. D.; GUTERRES, D. C.; ANDRADE, P. R. A.; MACHADO, F. J.; FURTADO, G. Q. *Chrysoporthe cubensis* emerges causing wilt on Eucalyptus mini-stumps in Brazil**.** *Australasian Plant Pathology*,52, 517–527, 2023.

MAYORGA, Maria Irles de Oliveira; OLIVEIRA, Antônio Dimas Simão de. Os impactos da participação do atravessador na economia do setor agrícola: um estudo de caso. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 43., Riberão Preto-SP, 2005. Anais... Brasília-DF: SOBER, v. 1, p. 1-13, 2005.

NUTMAN, F. J.; ROBERTS, F. M. Acute die-back of clove trees in the Zanzibar Protectorate. *Annals of Applied Biology* 39, 599-608, 1952.

NUTMAN, F. J.; ROBERTS, F. M. The clove industry and diseases of the clove tree. *Pest Articles & News Summaries – PANS* 17 (2): 147-165, 1971.

NUTMAN, F. J.; ROBERTS, F. M. Valsa eugeniae in Relation to the Sudden-Death Disease of the Clove Tree (Eugenia aromatica). *Annals of Applied Biology* 41 (1), 23-44, 1954.

OLIVEIRA, Mozaniel de Santana**.** *Composição química e atividade fitotóxica de óleo essencial de cravo-da-índia (syzygium aromaticum) obtido com CO2 supercrítico***.** 2016. 61f. Dissertação (Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos). Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Belém.

SILVA, J. S.; BEZERRA, J. L.; BRAGANÇA, C. A. D.; VILELA, R. J. O.; COSTA, A. Z. M.; NIELLA, G. R.; MARTINS, C. Y. S. First Report of Sudden Death of Clove Trees Caused by Cytospora eugeniae in Brazil. *Plant Disease*, v. 104, p. PDIS-10-19-2126-1868, 2020.

SILVA, Julielton Santos da. *Etiologia da morte de plantas e alguns fungos isolados do craveiro-da-índia (Syzygium Aromaticum) no Baixo Sul da Bahia: Cytospora eugeniae* e *Chrysoporthe cubensis* associados a morte de craveiro-da-índia (*Syzygium Aromaticum)*.2022, 84f. Tese (Doutorado em Ciências Agrárias). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Cruz das Almas, Bahia.